

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire



Na escola tradicional, opera-se como se os conhecimentos aportados pelo professor fossem os transportados, e o veículo de transporte, a técnica. Desse modo, não pode haver construção de conhecimento, só transmissão de dados. Se quisermos utilizar a metáfora do veículo que transporta, teremos que reformulá-la: os conteúdos não são os objetos transportados, e sim o veículo transportador; e o que se transporta-transmite pouco tem a ver com o veículo e muito com como é a pessoa que o recebe.

Por isso, os professores de quem lembramos, não os lembramos pelos conteúdos ensinados – que, às vezes, até esquecemos ou esquecemos por quem nos foi ensinado, mas guardamos dentro de nós, inscrito como modalidade própria de aprendizagem, o posicionamento de aprendizagem que esses professores nos possibilitaram.

Um professor: alguém que, abrindo espaços de autoria de pensamento para si mesmo, consegue que seus alunos o façam para eles. Assim entendo o ensinar, como espaço possibilitador de autoria de pensamento e de reconhecimento de si mesmo como autor transformador de sua história e de seu mundo. Ensinar: espaço de identificação, de construção de projetos identificatórios.

Se bem que muitos professores consigam ensinar, lamentavelmente muito poucos daqueles considerados professores de professores chegam a alcançá-lo. Paulo Freire é um desses mestres de mestres que ensinam. Digo “é”, no presente, porque um autor não morre. Alguém que ensina não morre. Renasce em cada um daqueles que aprenderam com ele:

### Notas

<sup>1</sup> Página XII, 3/5/97.

<sup>2</sup> Fernández, A. Aprender es Casi tan Lindo como Jugar, *Rev. E. Psi*, Buenos Aires, 2.

<sup>3</sup> Fernández, A. *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

<sup>4</sup> A necessidade de conceitualizar o “sujeito que aprende” e o “sujeito que ensina” como posicionamentos subjetivos – dois conceitos básicos para minha teoria psicopedagógica – vai surgir em mim como uma exigência de definir os sujeitos próprios da psicopedagogia. Mas tal definição não poderia ter surgido sem o campo aberto pela prática e pela palavra de Paulo Freire. Então, na medida em que Paulo Freire não só defende um profundo respeito pela figura do educando e constrói propostas pedagógicas nas quais as posições de educando – educador-pedagogo são reformuladas, prepara para a psicopedagogia a possibilidade que tanto Sara Pain, primeiramente, e depois eu tivemos para diferenciar o objeto e o sujeito da psicopedagogia. No meu caso, por exemplo, na conceitualização do sujeito que aprende e do que ensina como posições subjetivas.

# A ternura do sábio

**Tânia Maria Baibich**

Presidente Nacional  
do Fórum de Pró-Reitores de Extensão  
das Universidades Públicas Brasileiras

**P**aulo Freire: um amante da educação – um sábio, um progressista que ao falar de educação falava (e falará para sempre aos nossos ouvidos de educadores comprometidos com um Brasil de todos os brasileiros) em intervenção, em mudança. Falava nos sujeitos capazes de intervir na realidade devido à sua condição de sujeitos que liam esta realidade. Falava firme, vigoroso, porém terno, doce até.

Foi ele, do alto dos seus 28 *Honoris Causa*, quem teve a ousadia de falar em predicados necessários à prática educativa progressista:

“Neste tempo que carece de um sorriso, de uma prece, de um carinho, de um encanto...”, ele falou em Humildade, em Bom-Senso, em Amorosidade, em Coragem, em Tolerância, em Decisão, em Segurança, em Alegria de Viver.

Paulo Freire falou de gente, de educação de gente. “Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacidade científica faz parte. É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas às vezes, mas às vezes fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas”. (Freire, P., 1997) Na dialética que o inspirava, Paulo Freire permanece vivo na morte, porque sua teoria, marca permanente de sua presença, continuará emergindo “molhada de nossa prática vivida”.